



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Vieira, Bruno V. G.

Mito e tradição literária na luta entre Hércules e Anteu: Farsália, 4.589-665

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 20, núm. 1, 2007, pp. 46-63

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770885005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Mito e tradição literária na luta entre Hércules e Anteu: *Farsália*, 4.589-665

BRUNNO V. G. VIEIRA

Universidade Estadual Paulista
Brasil

RESUMO. Este estudo propõe uma leitura das relações de sentido instauradas no confronto entre a narrativa mitológica de Hércules e Anteu, na *Farsália* (Luc. 4.589-665), e aquela de Hércules e Caco, na *Eneida* (Verg. *Aen.* 8.190-279). Atenção especial será dada às reformulações operadas por Lucano, tanto no nível textual, quanto na própria significação do mito dentro da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE. Mito; tradição literária; Hércules; Anteu; Lucano; Virgílio; intertextualidade.

*inuidus, annoso qui famam derogat aeuo,
qui uates ad uera uocat.*

É invejoso quem nega a lenda dos antigos,
quem pede do poeta a realidade.

(Luc. 9.359-60)

Pensar a *Farsália* de Lucano sob o ponto de vista da mitologia é uma tarefa que *in limine* pode parecer um tanto inusitada, pois uma das características mais destacadas dessa “épica de assunto romano”, *Romana carmina* (Luc. 1.66), está justamente na sua recusa ao maravilhoso mitológico, tão caro à tradição de poesia épica¹. Desde há tempos, inúmeros manuais de

Email: brvieira@fclar.unesp.br

Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara.

¹ Acerca dessa tradição, Petrônio, geralmente tido como contemporâneo de Lucano, num excerto do seu *Satyrica*, que parece dialogar com a *Farsália*, coloca na boca do poetaastro Eumolpo a seguinte crítica (*Sat.* 108): “Um espírito bem formado não pode conceber nem dar nada à luz sem ter sido impregnado pela vaga imensa da literatura. (...) **Testemunhas, Homero e os poetas líricos; testemunhas, o romano Virgílio e a felicidade que Horácio deve ao seu trabalho.** (...) Por exemplo, este assunto imenso, que constitui a *Guerra Civil*: sempre que foi abordado por alguém insuficientemente culto, o poeta vacilou sob seu peso. É que não são **os acontecimentos que devem ser expressos nos versos** — os historiadores

literatura latina e grande parte da ensaística suscitada pela obra de Lucano chamam atenção à sua historicidade, em oposição a um caráter mítico comum a outros poemas do gênero. É freqüente a oposição entre o binômio história / mitologia erigido na *Eneida* e a história relatada na *Farsália*.

Lucano busca abordar a Guerra Civil que instituiu o poder da *series domus Caesareae*, “dinastia cesárea” (Luc. 4.823)², utilizando-se da ‘crítica da história’ esboçada pelo estoicismo de seu tempo, tal como já fizera Salústio nos seus prenúncios da decadência de costumes. A escolha de um tema da história recente é para Lucano um pretexto para fugir do distanciamento épico das lendas fundadoras, situadas em tempos remotos. Ele parece querer fugir do relato mítico e impessoal do *Musa*, *mihi causas memora*, “Musa, lembra-me as causas” de Virgílio, *Aen.* 1.8, para o terreno da inspiração humana, *fert animus causas tantarum expromere rerum*, “Leva-me a mente a expor as causas dos eventos” (Luc. 1.67).³

A estranheza de uma leitura da *Farsália* pelas veredas do mito, contudo, pode desvendar uma *persona* encoberta de Lucano, presente num modo de encarar o mito não como algo alheio a um poema histórico, mas sob a perspectiva da negação. Pode-se notar que Lucano não vê o imaginário mitológico atualizar-se no seu mundo histórico, todavia, esse mundo vez por outra se identifica e se confronta com o universo da lenda, da fábula, dos deuses e heróis de outrora.

O próprio *leitmotiv* da guerra civil que evoca, no plano estilístico, o *pathos* da tragédia e, no plano do mito, a guerra dos Titãs, os confrontos da origem lendária de Tebas e o fratricídio da fundação de Roma, por si só, já sinaliza uma aproximação possível entre história e mito, entre o que aconteceu e o que podia ter acontecido.

Nesse sentido, é antiga a relação entre as fabulações mitológicas e o viés trágico da guerra civil. Num dos fragmentos de Xenófanes de Colofão,

fazem-no muito melhor —, **mas são, através dos episódios, as intervenções divinas, os desenvolvimentos tirados do arsenal da fábula (...)**”. Trad. de JORGE SAMPAIO (*Petrônio. O Satíricon*, Lisboa, Europa-América, 1973, p. 128-9). Os grifos são nossos.

² Todas as traduções sem tradutor declarado são do autor deste artigo. Sempre que possível, empregou-se recursos de metrificacão portuguesa para traduçãõ dos versos latinos. O texto latino de Lucano é aquele estabelecido por A.E. HOUSMAN, *M. Annaei Lucani Belli Ciuilis libri decem*, Oxford, Oxford University Press, 1970. O texto de Virgílio é o de R. DURAND e A. BELLESSORT, *Virgile. Énéide*, Livres VII-XII, Paris, Les Belles Lettres, 1957.

³ P. VEYNE (*Acreditavam os gregos em seus mitos? Ensaio sobre a imaginaçãõ constituinte*, São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 34), opondo os poetas Homero e Hesíodo a Heródoto, entende essa mudançã de perspectiva (mito>indivíduo) como divisor de águas entre o mito e a história. M. BAKHTIN (*Questões de literatura e estética: A teoria do romance*, São Paulo, EdUnesp e Hucitec, 1993, p. 400) interpreta essa mudançã de foco como evidênciã de ‘romancizaçãõ’ dos gêneros tradicionais.

filósofo pré-socrático, *ca.* 570-528 a. C., pode ser encontrada alusão à impropriedade de um homem de bem se apegar a histórias como a dos titãs e das lutas civis (Xenoph. *Fr.* 1.19-23)⁴:

É de louvar-se o homem que, bebendo, revela atos nobres
 como a memória que tem e o desejo de virtude,
 sem nada falar de titãs, nem de gigantes,
 nem de centauros, ficções criadas pelos antigos,
 ou de lutas civis violentas, nas quais nada há de útil.

Independentemente do fato de a luta intestina retratada por Lucano recontar em poema um episódio da história recente de Roma, a exasperação com que o poeta retrata esse evento, se por um lado evoca o tom sublime do tratado do pseudo-Longino⁵, por outro parece alçá-lo à expressividade trágica. Por conseguinte, a identificação de Lucano com a tragédia é algo declarado alusivamente, desde os primeiros versos da sua epopéia, e essa relação se constitui tanto no estilo quanto no repertório lendário subjacente ao texto.

G.B. Conte, no seu comentário sobre o proêmio da *Farsália*, bem explicita a proximidade, literal até, do estilo de Lucano com aquele da tragédia senequeana⁶:

Aqui o *pathos* ... não vem insinuado nem sugerido, mas sim fortemente marcado, martelado. Ele vem de *per si* com a recordação do estilo da tragédia senequeana. ... Não é só em certos contornos da língua que se pode facilmente sugerir a dependência estilística do Sêneca trágico, mas, sobretudo, no particular movimento e gosto artístico em relação à exasperação das formas expressivas.

A guerra civil, tratada como loucura⁷ (*furor*), e a ênfase na fraternidade

⁴ Trad. ANNA L. A. DE ALMEIDA PRADO (*Xenófanes de Colofão – Fragmentos*, in J. CAVALCANTE DE SOUZA, *Os Pré-socráticos*, São Paulo, Nova Cultural, 1996, p. 68).

⁵ A aproximação do estilo oratório da *Farsália* ao ideal artístico expresso no *Do sublime* é recente conjectura lançada por F. DELARUE (*La guerre civile de Lucain: une épopée plus que pathétique*, REL 74, 212-30, 1996, p. 212) e por J.-C. DE NADAI (*Rhétorique et poétique dans la Pharsale de Lucain*, Louvain-Paris, Peeters, 2000, p. 3). Afirma Longino (*Subl.* 1.3): “o sublime é o ponto mais alto e a excelência, por assim dizer, do discurso e que, por nenhuma outra razão senão essa, primaram e cercaram de eternidade a sua glória os maiores poetas e escritores. Não é a persuasão, mas o arrebatamento, a que os lances geniais conduzem os ouvintes ...” (trad. de JAIME BRUNA, in *Aristóteles, Horácio, Longino. A poética Clássica*, São Paulo, Cultrix, 1997, p. 75).

⁶ *La ‘Guerra Civile’ di Lucano: studi e prove di commento*, Urbino, Quattro Venti, 1988, p. 18.

⁷ O que remete a episódios célebres, tais como aquele que Êsquilo retrata em *Coéforas* e *Eumênides*, em relação a Orestes matricida; como aquele de Ágave, nas *Bacantes* de Eurípides, que matou Penteu, seu próprio filho; como aquele de Hércules no *Hercules furens* de

das partes envolvidas no combate⁸, dois *topoi* freqüentíssimos na *Farsália*, parecem enfatizar conexões entre o relato histórico e o universo mítico. Sem dúvida, um estudo que aprofunde a relação entre mito, tragédia e guerra civil, pode se mostrar produtivo.

No entanto, o viés elegido neste artigo busca um outro tipo de enfoque, qual seja, a investigação das relações de sentido instauradas no confronto entre a narrativa mitológica de Hércules e Anteu (Luc. 4.589-665) e aquela de Hércules e Caco (Verg. *Aen.* 8.190-279), relações essas que evidenciam dois possíveis tratamentos da temática mitológica na tradição épica latina. Pretende-se lançar aqui, em relação a Lucano, aquele conjunto de questionamentos que fizera Veyne acerca de Píndaro⁹: o que faz a unidade desse episódio com o restante do poema? Qual a relação do mito com o assunto desenvolvido no restante da epopéia? O mito é uma alegoria, se o é, qual a sua relação com o restante da narrativa?

Se Lucano evoca o repertório trágico para expressar sua guerra civil, é natural que sua epopéia não deixe de se servir também de modelos épicos fundados no imaginário olímpico. Ainda que se caracterize a *Farsália* como uma “epopéia puramente histórica”¹⁰, certas passagens de maravilhoso mitológico (Luc. 9.348-67); 9. 624-99)¹¹ parecem querer dialogar com a matriz lendária da épica, como fica evidenciado também no episódio da luta entre Hércules e Anteu.

Esse evento é um daqueles mitos paralelos aos “Trabalhos de Hércules”, que alguns mitógrafos denominam *parerga*¹². Isso pode explicar o motivo de as evocações literárias de Anteu geralmente serem acompanhadas de referências a Busíris, Érix e Gerião, outros famigerados *parerga*. Convém notar que Lucano é uma das principais fontes desse *parergon*, pois, segundo se pode deduzir do cotejo das passagens que P. Grimal relata no verbete “Anteu” do seu *Dicionário de Mitologia*¹³, as fontes literárias do mito não trazem mais que uma menção ao combate, enquanto Lucano se atém a detalhes tais como genealogia, localização geográfica e descrição detalhada do duelo.

Anteu é o filho da Terra que apavorava as costas da Líbia (África do Norte). Hércules, vingador dos oprimidos, ao saber das atrocidades da cria-

Sêneca, assassinando a esposa e os filhos. Pode-se evidenciar uma chave para esse intertexto da *Farsália* em uma série de comparações, presentes em Luc. 1.570-7.

⁸ Que encontra farto exemplário nas tragédias de Sófocles *Sete contra Tebas* e *Édipo em Colono*, peças essas recriadas por Sêneca, em sua fragmentária *Phoenissae* e no seu *Oedipus*.

⁹ P. VEYNE, *Acreditavam...*, p. 29.

¹⁰ R. MARTIN et J. GAILLARD, *Les genres littéraires à Rome*, Paris, Nathan, 1990, p. 39.

¹¹ Passagens do lago de Tritão / Jardim das Hespérides e Medusa, respectivamente.

¹² A.R. ELVIRA, *Mitología clásica*, Madrid, Gredos, p. 233.

¹³ *Dicionário de mitologia grega e romana*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1966, s.v.

tura, vem ao solo líbico para combatê-la. Enceta-se, então, um dos mais duros trabalhos de Hércules, segundo insinua Lucano, pois a Terra deu a Anteu o poder de ele refazer suas forças ao tocá-la. Depois de uma portentosa e disputada luta greco-romana, Hércules descobre a fonte de força de Anteu e o mata, suspenso sobre seus ombros.

R. Pichon¹⁴ situa esse excerto entre aqueles nos quais “Lucano exprime idéias análogas às de Virgílio, mas sem recorrer às mesmas formas de linguagem” e complementa, dizendo que “o combate de Hércules e Anteu tem algumas características próximas daquele entre Hércules e Caco, mas sem expressões idênticas.”

P. Lejay comenta a passagem, ao tratar do emprego do maravilhoso na obra¹⁵:

A tradição do maravilhoso, imposta pelos distantes temas da mitologia e da história primitiva, tinha menos força em um gênero sobre o qual os modelos gregos não serviam de exemplo [...] Muito embora Lucano não excluísse tais episódios de seu poema quando eles lhe eram pertinentes, como é o caso da lenda de Anteu. De mais a mais, mesmo nas partes propriamente históricas ele introduzia o maravilhoso resultante dos oráculos e da magia.

A.H. Redondo, na sua introdução à tradução castelhana da *Farsália*¹⁶, comenta a passagem num subitem intitulado ‘racionalismo’. Diz ele que a luta entre o herói e o monstro apresenta uma grande diferença daquela da *Eneida* pela exclusão da atmosfera mítica e a observação realística da técnica de luta. E prossegue: “Lucano descreve a luta como a dos gladiadores de seu tempo: fricção prévia dos membros, inchaço dos músculos com o esforço, golpes dos lutadores, etc.”

Um tratamento exaustivo sobre o episódio, aliás muito pouco explorado entre os estudiosos da obra, pôde ser encontrado em dois artigos já não muito recentes da revista *Latomus*, a saber, *L'épisode d'Antée dans la 'Pharsale'*, de Pierre Grimal¹⁷ e *Hercules and Curio: some comments on Pharsalia, IV, 581-824*, de Frederick M. Ahl.¹⁸

Interessam a Grimal as questões de mitografia e de *Quellenforschung*, as quais esclarece com sua costumeira erudição. Contudo, muito embora

¹⁴ *Les sources de Lucain*, Paris, Ernest Leroux, 1912, p. 226.

¹⁵ *De bello ciuili M. Annaei Lucani: liber primus*, Paris, Klincksieck, 1894, p. XLIII. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr>>, acessado em 15 de março de 2001.

¹⁶ *M.A. Lucano – Farsalia*, Madrid, Gredos, 1984.

¹⁷ *Latomus* 8, 55-61, 1948.

¹⁸ *Latomus* 31.4, 997-1009, 1972.

inicie seu texto chamando atenção à raridade do tratamento de episódios mitológicos em Lucano¹⁹, ele apresenta uma explicação extremamente fácil para a ocorrência daquele pequeno conto mitológico dentro da obra: “parece que só a enunciação do termo África desperta elementos mitológicos”.²⁰ O classicista francês nem mesmo sinaliza a relação possível entre o *parergon* de Lucano com o de Virgílio.

Já a análise de Frederick Ahl, latinista norte-americano que, pelo seu sempre citado *Lucan: An introduction*²¹, pode ser considerado um dos precursores do ‘renascimento’ dos estudos sobre Lucano em língua inglesa, procura tentar compreender o estranhamento daquele episódio dentro da epopéia e evoca a referência intertextual em relação a Virgílio como uma das motivadoras de Lucano. Ahl chama atenção para a relação mitológica subjacente ao episódio virgiliano de Hércules e Caco. Quando o rei Evandro, morador dos terrenos da futura Roma, alia-se ao troiano Enéias e o faz participar do culto de Hércules, o que está em jogo nas entrelinhas é a aliança entre duas divindades fundadoras de Roma, a saber, a *Venus Victrix* de Enéias e o *Hercules inuictus* de Evandro. Segundo Ahl, Virgílio evoca uma aliança entre a divindade hercúlea autóctone (republicana) e a Vênus estrangeira (dos Júlios), na qual está fundamentada o Estado romano. A guerra civil, por sua vez, evidenciaria a ‘fração’ do estado romano²²:

A aliança entre Hércules e Vênus é muito importante, pois esses deuses marcaram uma divisão fundamental no Estado romano, que foi vigorosamente atualizada pela guerra civil entre César e Pompeu. O grito de guerra dos pompeianos em Farsalo foi *Hercules Inuictus*, o dos cesarianos, *Venus Victrix*.²³

Convém notar que Ahl esclarece um ponto ao qual se havia atentado logo no início deste artigo: a identificação do mundo mitológico ao mundo

¹⁹ “Lucano é considerado, de modo geral, bastante econômico quanto a episódios mitológicos. Porém, quando vai começar a narração dos acontecimentos da desastrosa campanha conduzida por Curião na África, ele renuncia sua contenção habitual e narra demoradamente o combate de Hércules e Anteu” (P. GRIMAL, *L'Épisode...*, 1948, p. 55).

²⁰ Idem, p. 58.

²¹ Cornell University Press, 1976.

²² F.M. AHL, *Hercules...*, p. 997.

²³ É interessante que Ahl cita o historiador grego Apiano (*Rom. Hist.* 2.76) para fundamentar essa constatação, mas já Petrônio, naquela sua paródia da *Farsália* (*Sat.* 124), assim dispuña as divindades: *primumque Dione / Caesaris arma sui ducit, comes additur illi / Pallas et ingentem quatiens Mavortius hastam. / Magnum cum Phoebos soror et Cyllenia proles / excipit ac totis similis Tiryntius actis*. “Primeira a conduzir as armas do seu César / Dionéia [Vênus], junto a Palas e Marte lanceiro. / Olham por Magno a irmã de Febo e o deus Cilênio, / e o Tiríntio [Hércules], semelho em feitos tais e tantos”.

histórico de Lucano, cuja sociedade servia das representações da mitologia greco-romana, inclusive na religião oficial.

A análise prossegue com a comparação entre os *parerga* virgiliano e lucaniano. Passar-se-á, agora, a desenvolver uma leitura do episódio a partir das considerações de Ahl, redimensionadas, contudo, quanto à estratégia de análise, que seguirá um método de abordagem que se encontra apenas sugerido nesse lucanista. Seguir-se-ão aqui os componentes essenciais do discurso que, para a Retórica antiga, são “quem fala, aquilo do que fala, aquele a quem se fala” (Arist. *Rh.* 1.3.1 [1358b]). Além disso, “uma vez que não basta saber o que há de ser dito, mas também é necessário dizer de um modo conveniente” (Arist. *Rh.* 3.1.15 [1403b]), far-se-ão considerações acerca de como se fala.²⁴

Partindo dessas premissas aristotélicas, dividir-se-á a análise consoante as seguintes instâncias discursivas: quem narra; a quem se narra; o que se narra; como se narra. Haverá ainda, complementarmente, um excursus sobre o efeito do evento narrado em relação ao todo da narrativa.

Quem narra

*inde petit tumulos exesasque undique rupes,
Antaei quas regna uocat non uana uetustas.
nominis antiqui cupientem noscere causas
cognita per multos docuit rudis incola patres.*

Uns montes Curião percorre erosionados
que eficaz tradição chama ‘terras de Anteu’.
Ao curioso indagador do antigo nome,
um rude líbio ensina o que seus pais contaram.

(Luc. 4.589-92)

A ignorância geográfica e mitológica de Curião é algo que chama atenção tanto de Ahl, quanto de Grimal. Segundo aquele, a apresentação de Curião como desavisado da importância histórica do lugar é uma estratégia de Lucano não apenas para ter a oportunidade de recontar a lenda, mas “para criar um paralelo com a história da chegada de Enéias aos lugares da futura Roma”.²⁵

Quem narra o episódio é o *rudis incola*, “um rude morador”. O adjetivo *rudis* apresenta a nuance de “simples, sincero, não estudado”²⁶ e tal quali-

²⁴ Trad. de QUINTIN RACIONERO (*Aristóteles. Retórica*, Madrid, Gredos, 1990).

²⁵ F.M. AHL, *Hercules...*, 1972, p. 1001.

²⁶ F.R.S. SARAIVA, *Novíssimo dicionário latino-português*, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Garnier, 2000.

ficção parece desculpar o portador daquela narrativa mítica, uma vez que Lucano demonstra, no decorrer de sua narrativa, ter preferência por explicações mais racionais dos lugares e fenômenos reportados. Um bom exemplo desse racionalismo é a observação, feita pelo narrador, sobre sua pesquisa das causas da existência das serpentes africanas: *non cura laborque / noster scire ualet, nisi quod uolgata per orbem/fabula pro uera decepit saecula causa* (Luc. 9. 621-3) “nossa dedicação e esforço nada achou, / a não ser uma lenda por todos sabida / que enganou gerações em lugar da verdade”.²⁷

Mas o *rudis incola* é *doctus* pelo seu saber da tradição ancestral, *cognita per multos patres*. E é esse narrador *doctus* que assume um texto singular dentro da epopéia lucaniana, servindo-se de versos “ortodoxos”, conforme a afirmação de J.C. Bramble²⁸. O *doctus* segue nos epítetos, nos helenismos vocabulares e na erudição mitológica, a tradição poética cara a Homero, aos poetas helenísticos e a Virgílio.

Ainda que o narrador lucaniano assuma um caráter em certa medida erudito, não se pode discordar de Ahl, que vê nele uma *reductio ad absurdum* de Evandro (*rex Euandrus*), o narrador do episódio de Hércules e Caco na *Eneida*. Evandro, “D’Argivos capitão, Árcade e unido / pelos laços do sangue aos dous Atrides” (Verg. *Aen.* 8.131-20)²⁹, tem ancestrais gloriosos que remetem aos começos da civilização grega.

A comparação entre uma figura anônima e uma figura ‘homérica’, por assim dizer, sem dúvida, insere por si só um tanto de ironia. Se parece que em Virgílio o mito tem o respaldo de um argumento de autoridade³⁰, em Lucano o mito se apresenta como credence popular.

A quem se narra

O ouvinte de Lucano é Curião, a quem os escólios são insistentes em imputar o hemistíquio virgiliano *uendidit hic auro patriam* (Verg. *Aen.* 6.621), “este vendeu a pátria a peso de ouro”. Curião foi um tribuno da plebe, cujo apoio a César tinha sido fruto de suborno, daí os epítetos de Lucano, *audax lingua uenali*, “audacioso de língua venal” (Luc. 1.269) e *audax*,

²⁷ Essa observação introduz o relato do mito da Medusa.

²⁸ Ver p. 602 de ‘Lucano’, in E. J. KENNEY and W.V. CLAUSEN (ed.) *Historia de la literatura clásica II. Literatura Latina*. Madrid, Gredos, 1989, p. 585-612, 1989.

²⁹ *Quod ductor et Arcas, / quodque ab stirpe fores geminis coniunctus Atridis*. Cita-se neste artigo a tradução oitocentista da *Eneida* de J.V. BARRETO FEIO, *Virgílio. Eneida*, trad. de _____ e J.M. DA COSTA E SILVA, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

³⁰ O próprio Evandro teve um contato pessoal com Alcides (*Aen.* 8. 362-3), *ut uentum ad sedes: haec, inquit, limina uictor/Alcides subiit: raec illum regia cepit* “Por esta porta entrou vitorioso / Alcides; recebeu-o este palácio”.

traduzido com uma conotação negativa, por “todo audácia” (Luc. 4. 583). O adjetivo *cupiens*, “cobiçoso, invejoso”, atribuído a ele em Luc. 4.591, mesmo com o complemento *noscere*, não aparece aqui inocentemente. Curião é o retrato absoluto da impiedade, antípoda, por conseguinte, do receptor da narrativa virgiliana, Enéias, que no próprio canto VIII da *Eneida*, no momento de sair em busca de Evandro, tem o epíteto lembrado: *pius Aeneas* (Verg. *Aen.* 8.84).

A cada aparição do nome *Curio*, na *Farsália*, os escólios dizem algo como *Curio hic est, de quo uolunt dixisse Virgilium ‘uendidit hic auro patriam’*³¹. O próprio Lucano elucida essa venalidade de Curião, um pouco mais adiante (4.819): *momentumque fuit mutatus Curio rerum / Gallorum captus spoliis et Caesaris auro*, “e o momento fatal de Curião foi quando / cativou-lhe o tesouro da Gália e de César”. Os excertos abaixo são descrições de Curião feitas por Lucano em outros passos do mesmo canto:

*nec solum studiis ciuilibus arma parabat
priuatae sed bella dabat Iuba concitus irae.
hunc quoque quo superos humanaque polluit anno
lege tribunicia solio depellere aurorum
Curio temptarat, Libyamque auferre tyranno
dum regnum te, Roma, facit. [...]*

Juba³² não só guerreia por um dos partidos,
mas razões pessoais motivavam seu ódio.
No ano em que ofendeu os homens e os celestes,
Curião preparara uma lei tribúncia,
com fito em dirimir-lhe o poder avoengo,
e livrar de um tirano a Líbia – enquanto, ó Roma,
te fazia um reinado!...

(Luc. 4.687-92)

*ius licet in iugulos nostros sibi fecerit ensis
Sulla potens Mariusque ferox et Cinna cruentus
Caesareaeque domus series, cui tanta potestas
concessa est? emere omnes, hic uendidit urbem.*

Embora sobre nós a pena capital
fosse um direito dado a Sila poderoso,

³¹ Ver J. ENDT, *Adnotationes super Lucanum*, Stutgardiae, Teubner, 1909, v. 584 *ad loc.* Texto disponível em <<http://gallica.bnf.fr>>, acessado em 25 de janeiro de 2002.

³² Juba I é rei da Númia, ascendente de Massinissa, aliado dos romanos do tempo das Guerras Púnicas.

ao feroz Mário, a Cina sangüinário e à casa
cesárea, quem de tanto poder teve a sorte?
Eles compraram Roma. Curião vendeu-a.

(Luc. 4.821-4)

Note-se a descrição de um sacrílego Curião, como na *Eneida* se caracterizava Mezêncio, no verso *hunc quaque quo superos humanaque poluit anno*, “no ano em que ofendeu os homens e os celestes”. O último excerto, que aproxima em algum grau Curião e a casa Cesárea, de quem Enéias é ascendente mítico, pode indiciar a correlação/comparação entre Curião e Enéias.

Se se pensar na relação de Curião como representante do *modus operandi* que destruiu a civilização latina – e Ahl parece ver nele uma concretização possível da ‘maldição’ impetrada por Jugurta (Sall. *Iug.* 35.10)³³, *urbem uenalem et mature perituram si emptorem inuenerit*, “a cidade vendida e prestes a sucumbir imediatamente se encontrar um comprador” –, pode-se conjecturar também uma relação de oposição entre ele e Enéias, fundador da civilização latina.

Outro indício interessante de comparação entre essas duas figuras é a designação *laetatus* dada a Curião em Luc. 4.661, e a similar *laetus* dirigida a Enéias, em Verg. *Aen.* 8.311, no momento seguinte à narração do episódio mítico. A alegria de Curião provém, contudo, da má interpretação de sua Fortuna, já a de Enéias externaliza sua piedosa felicidade com os ritos dedicados ao deus Hércules.

O que se narra

Lucano qualifica a narrativa mitológica como *uetustas*, “tradição”, mas também, “antigüidade”. Essa palavra, que tem um largo uso em Tito Lívio, surge naqueles contextos em que, diante da obscuridade da origem de um topônimo ou de um costume, o autor reputa à tradição, o que muitas vezes equivale à tautologia de algo como ‘sempre foi assim’.

Nesse sentido, o termo *uetustas* parece ser um jargão da literatura historiográfica (30 ocorrências em Lívio, 29 em Tácito), mas não é desprezado por Virgílio (2 ocorrências, ambas na *Eneida*): em 3.415, ao tratar da tradição – nesse caso de milhões de anos – de ter a Sicília se separado do continente; e em 10.792, diante do assassinato de Lauso, filho de Mezêncio, por Enéias. O próprio narrador diz: *si qua fidem tantost operi latura uetustas*, “se aos versos meus o Tempo [*uetustas*] a fé não nega”.

³³ *Apud* F.M. AHL, *Hercules...*, p. 1002.

O sentido de ‘lenda’ ou ‘um misto de história e fabulação’, que se pode deduzir de *uetustas*, confirma-se na teia alusiva, já que o intertexto evocado por Lucano aproxima esse termo à superstição. Não se pode desprever de sentido a potencialidade alusiva desse *non uana uetustas* em relação ao *non uana superstitio imposuit haec...* que abre o relato de Evandro em Virgílio.

Transcreve-se o prólogo do episódio de Hércules e Caco para melhor destacar as relações intertextuais (Verg. *Aen.* 8.185-9):

*rex Euandrus ait: “Non haec sollemnia nobis,
has ex more dapes, hanc tanti numinis aram
uana superstitio ueterumque ignara deorum
imposuit: saeuīs, hospes Troiane, periclis
seruati facimus meritosque nouamus honores.[...]”*

O rei Evandro disse:

Estas solenes festas, estas mesas
em costume entre nós, esta ara santa
de tamanha grandeza, não são obra
d’uma superstição vã e ignorante
dos velhos deuses! Nós, hóspede Teucro,
de terríveis perigos preservados,
nós mesmos as fizemos e inovamos
estes ritos e honras merecidas.

O paralelo aqui se impõe e *uetustas* aproxima-se ao *superstitio*, “superstição” que tem como antônimo *religio*, “religião”. Lucano, não obstante, oferece uma leitura do hipérbato virgiliano, ao entender o distante *non* não como modificador do verbo *imposuit*, mas do adjetivo *uana* e *ignara*. O *uetustas* ressalta a dessacralização da concepção virgiliana, ao mesmo tempo que lança uma descrença histórica³⁴ sobre o episódio.

A adjetivação de que Lucano se utiliza não deixa, ademais, dúvidas do caráter maravilhoso da sua *uetustas*: na apresentação da narrativa ele fala de uma *non uana uetustas*, “eficaz tradição”, nesse sentido, o detalhamento com o qual é narrado o episódio e, mesmo, o empenho do resgate da tradição homérico-virgiliana empreendida por Lucano, parecem fazer esse *non*

³⁴ Muito embora pareça inoportuna uma interpretação meramente ‘historiográfica’ da *Far-sália*, essa postura de descrença histórica se aproxima daquilo que Veyne entende como a visão própria da história. [Sobre os historiadores gregos] diz ele: “eis a metodologia que cada historiador vai criticar, sem entregar-se ao gosto pelo maravilhoso, [...] tomará o *mythos* por uma simples ‘tradição’ local; tratará a temporalidade mítica como pertencendo ao tempo histórico” (P. VEYNE, 1984, p. 34).

uana contribuir para o novo *epos* que aquele relato institui. Eis o exórdio de *parergon* (Luc. 4. 593-600)³⁵:

*nondum post genitos Tellus ecfeta gigantas
terribilem Libycis partum concepit in antris.
nec tam iusta fuit terrarum gloria Typhon
aut Tityos Briareusque ferox; caeloque pepercit
quod non Phlegraeis Antaeum sustulit aruis.
hoc quoque tam uastas cumulauit munere uires.
Terra sui fetus, quod, cum tetigere parentem,
iam defecta uigent renouato robore membra.*

Tendo os Titãs gerado, a Terra, inda fecunda,
pariu nas grutas líbias, Anteu, prole horrenda.
Nem Tifon, Tício ou Briareu deu tanta glória
à mãe que o céu poupou em não criá-lo em Flegra.
Ao seu rebento cede a Terra este poder:
se enfraquecido ao só tocá-la faz-se forte.

Ao final, porém, a tradição é considerada maravilhosa e vaidosa até. Terminado o conto, o *rudis incola* retoma o discurso laicizante caro a Lucano e trata da ‘verdadeira’ tradição, aquela já referida por César, que situa na região um antigo acampamento de Cipião, denominado *Castra Cornelia* (Caes. *B.Civ.* 2.24.)³⁶. O nome *Scipio* aparece, inclusive, na mesma *sedes metricae* que o de *Antaei*, no v. 590 da *Farsália*, como que corrigindo a tradição mítica, na forma lapidar (podia-se dizer capitular, até) do nominativo *Scipio* (Luc. 4. 654-60):

*hinc, aeui ueteris custos, famosa uetustas,
miratrixque sui, signauit nomine terras.
sed maiora dedit cognomina collibus istis
Poenum qui Latiis reuocauit ab arcibus hostem
Scipio; nam sedes Libyca tellure potito
haec fuit. en, ueteris cernis uestigia ualli.
Romana hos primum tenuit uictoria campos.*

Desde então, guardiã de tempos remotíssimos,
maravilhosa e ensimesmada tradição,
afama estes domínios com nome de Anteu.
Porém deu maior título a tais regiões,

³⁵ Uma análise mais extensa desse efeito será feita *infra*, na seção **Como se narra**.

³⁶ P. GRIMAL (*L'épisode ...*, p. 55) esclarece: “Curião se instala sobre os *Castra Cornelia*, no lugar em que acampa Cipião, o primeiro Africano, em 204 a.C.”

quem do Lácio expulsou o púnico inimigo,
 Cipião, que, uma vez tomada a Líbia, aqui,
 fez seu quartel – vês os sinais da paliçada.
 A vitória Romana partiu desta terra.

A narrativa de Virgílio, por sua vez, cerca-se de valor ritual. O mito surge como uma parte do cerimonial religioso em homenagem solene (*solemnem honorem*, Verg. *Aen.* 8.102) ao deus Hércules. Aliás, a representação de Hércules como divindade é totalmente banida da passagem lucaniana, pois a denominação Alcides é o único tratamento dado por Lucano ao herói³⁷. Convém explicitar que Alcides é nome atribuído pela mitografia ao Hércules, por assim dizer, ‘terreno’, em oposição à forma *Hercules*, designativa do herói tornado deus após suas façanhas, vulgarizada pela exclamação *Hercle*, “Por Hércules!”³⁸. O mito é etiológico, i.e., um modo de referendar como se originou aquele culto contemporâneo ao poeta. Tal caráter do mito aproxima Virgílio daquela concepção de “enciclopédia homérica”, referida por E. Havellock no seu *Prefácio a Platão*³⁹, a qual Grimal contextualizou tão bem dentro do mundo romano no seu *Virgílio ou o segundo nascimento de Roma*⁴⁰.

A conexão com o divino se expressa no *parergon* virgiliano através da utilização do termo *deus*, aludindo ao herói. Virgílio adota a ortodoxia mitográfica de tratá-lo por Alcides, desde que ele ainda não cumpriu todos os trabalhos, mas já o refere como deus *avant la lettre* (*Aen.* 8.200-1): *attulit et nobis aliquando optantibus aetas/auxilium aduentumque dei*, “co’a chegada de um deus nos trouxe o tempo / o desejado auxílio”. Um pouco mais adiante, o canto dos Sális, sacerdotes do Anfitrônida, coroa a visão mítico-religiosa de Virgílio (*Aen.* 8.301-2):

*salve, uera Iouis proles, decus addite diuis,
 et nos et tua dexter adi pede sacra secundo.*

Salve, de Jove verdadeira prole,
 novo esplendor acrescentado aos Deuses!
 Vem! co’a tua presença nos adita
 e ao sacrifício teu benigno assiste!

³⁷ O adjetivo *Herculeo-*, que aparece no verso 4.632 da passagem de Lucano, é mais uma metáfora da força “hercúlea”, como na forma vernácula portuguesa, do que a evocação do nome mítico de Hércules. Cf. *Herculeosque nouo laxauit corpore nodos*, “e novo em folha esvai-se dos golpes hercúleos.”

³⁸ Tal particularidade do nome do herói-deus é aludida por P. GRIMAL no verbete *Héracles* (ver nota 13).

³⁹ Campinas, Papirus, 1996. Trad. de E.A. Dobránszky.

⁴⁰ São Paulo, Martins Fontes, 1992. Trad. de I.C. Benedetti.

Como se narra

Dois apontamentos sobre o estilo de Lucano no *parergon* interessam ser destacados: a “narrativa em versos ortodoxos”⁴¹, e os “sessenta e sete versos realistas”⁴². Ainda que eles possam ser entendidos como divergentes, de certo modo pode-se justificar uma e outra leitura. Ao denominar a passagem como realista, Grimal chama atenção para um fato característico do tom da narrativa lucaniana que é o apego ao pormenor principalmente nos momentos de maior ação. Pode-se dizer sem muitas reservas que Lucano, como um médico, julga essenciais os detalhes de anatomia e, como um físico-químico, observa as mínimas deformações dos elementos. A peleja de Alcides e Anteu não se afasta desse preciosismo descritivo e relata um combate de luta greco-romana praticamente golpe a golpe, como se pode constatar no trecho em que descreve a imobilização de gigante (Luc. 4.624-9):

*tum ceruix lassata quati, tum pectore pectus
urgueri, tunc obliqua percussa labare
crura manu. iam terga uiri cedentia uictor
alligat et medium compressis ilibus artat
inguinaque insertis pedibus distendit et omnem
explicuit per membra uirum.*

Do monstro a nuca pesa e o duro corpo a corpo
o sufoca, a seu turno, o herói lhe soca as pernas
que cedem. Logo aperta o vencedor o peito
do oponente, lhe dobra ao meio pela ilharga,
e faz-lhe abrir as pernas – os pés de alavanca –,
e imobiliza totalmente Anteu no chão.

A narrativa, porém, segue um padrão inusual em Lucano. O universo mitológico que aparece geralmente em versos isolados – por exemplo, quando se tece um símile ou uma comparação –, ocupa aqui um trecho considerável. É inegável, portanto, a aproximação da cadência imagética e formular muito cara à poesia helenística que Lucano tivera ocasião de exercitar nos poemas perdidos *Iliaca*, *Orpheus* e *Catachthonion*.

Nesse sentido, o episódio possibilita algumas seqüências de versos um tanto ortodoxos, como aqueles cinco primeiros do ‘exórdio do *parergon*’⁴³, fartos de referências eruditas à Titanomaquia: a presença de *gigantas* na primeira linha e do adjetivo *Phlegraeis* na quinta linha do tal ‘proêmio’,

⁴¹ J.C. BRAMBLE, 1989, p. 602 (ver nota 28).

⁴² P. GRIMAL, *L'Épisode...*, p. 55.

⁴³ Cf. seção **O que se narra**, Luc. 4.593-600, *supra*.

evocam os dois famosos primeiros versos da canção de Orfeu nas *Metamorphoses*, excerto exemplar de uma concepção de poesia enquanto canto inspirado pelas musas. Acrescente-se como um índice da alusão o fato de as palavras incidirem sobre os mesmos pés métricos do hexâmetro. Cf. *cecini plectro graviore Gigantas / sparsaque Phlegraeis victricia fulmina campis*, “cantei Titãs em tom maior e os raios / vitoriosos chovendo sobre Flegra” (Ov. *Met.* 10.150-1).

Há um gracejo, bem ao gosto alexandrino, com o tratamento de Anteu como *iusta ... terrarum gloria*, “justa glória das terras” (Luc. 4.595), que parece insinuar e rebater a etimologia popular do nome grego de Héracles, *Hera kleós*, ou seja, “a glória de Hera”. O verso continua forçando um *en-jablement* justamente na primeira de três alusões a gigantes filhos da Terra, *Typhon*, num encadeamento nominal extremamente comum aos catálogos de estilo homérico⁴⁴. O próprio *Typhon* apresenta uma variante daquele citado por Virgílio como “*Typhoeus*” (*Aen.* 8.298), o que dá conta de que Lucano estava atento por superar seu rival em helenismos.

As alusões forçosamente preciosistas a fatos característicos dos “Trabalhos de Hércules” são elementos que filiam o texto a uma prática poética totalmente alheia à encontrada na *Farsália*, tais como o uso do adjetivo *Cleoneu*, para referir-se ao Leão da Neméia: *ille Cleonaei proiecit terga leonis* (Luc. 4. 612), “Do Leão Cleoneu logo o herói se despiu”. Mas, também, a menção sutil ao dolo hercúleo no roubo das maçãs das Hespérides – ele teria para isso “sustentado o céu” para que Atlas lhe trouxesse as frutas maravilhosas (638-9) – e a referência à deusa motivadora das façanhas do Herói, apenas pelo erudito *nouerca*, “madrasta”, como se pode conferir na citação abaixo (Luc. 4.636-9):

*confluxere pares, Telluris uiribus ille,
ille suis. numquam saeuae sperare nouercae
plus licuit: uidet exhaustos sudoribus artus
ceruicemque uiri, siccam cum ferret Olympum.*

De igual pra igual lutou-se, um fiado na Terra,
outro em si mesmo. Nunca a madrastra cruel
pôde tanto esperar, pois vê suado o herói
que nada transpirou quando sustinha o Olimpo.

⁴⁴ Como fica evidenciado pela tradução da *Iliada* de HAROLDO DE CAMPOS (*Iliada de Homero*, v. 1, São Paulo, Arx, 2002): “vinham de Cino, Opoenta e Caliaro; vinham / da aprazível Augéia, de Bessa, de Escarfe, / de Tarfe e Trônio, junto às correntes do Boágrio” (*Il.* 2.531-3).

Por outro lado, há que se notar a total ausência em Lucano dos epítetos hercúleos tradicionais, como *Amphitrioniades* e *Tirynthius* presentes no *parergon* virgiliano (*Aen.* 8. 214; 228). É como se Lucano aceitasse o exercício de versos alexandrinos até um certo limite; a inclusão desse tipo de referência, ademais, como que extravasaria os limites de sua licença *à uetustas*.

O evento narrado em relação ao todo da narrativa

Dentro do plano estrutural da *Farsália*, essa narrativa mitológica introduz o episódio da Guerra Civil na África em que as tropas cesáreas comandadas por Curião são massacradas pelo rei Juba (Luc. 4.581-824), numa carnificina hiberbolicamente trabalhada por Lucano. O episódio, então, cumpre a função ou de linha divisória, ou de transição entre os eventos narrados⁴⁵, já que o *parergon* parece oferecer uma prévia da luta entre um estrangeiro (Alcides-Curião) e um autóctone (Anteu-Juba). Ao menos entende assim Curião, que, segundo o narrador, fica *laetatus, tamquam fortuna locorum/bella gerat seruetque ducum sibi fata priorum*, “feliz [...] qual se a Fortuna local / movesse guerras, dando a ele heróicos fados” (Luc. 4.661-2).

Mas Curião não é *doctus*. Não entrevê as eruditas conexões entre os monarcas do norte da África e Hércules, de quem se julgam descendentes⁴⁶. Ademais, a Fortuna parece tramar contra a impiedade dele, como Lucano sugere nos versos seguintes (Luc. 4.663-5):

*felici non fausta loco tentoria ponens
indulsit castris et collibus abstulit omen
sollicitatque feros non aequis uiribus hostis.*

depõe num chão de sorte tendas não tão prósperas,
fortifica o bivaque (afasta o bom agouro!),
e afronta um fero imigo sem parelha força.

O ímpio furor de Anteu, correlato aos leões e às serpentes, monstros da África, segundo bem desenvolve Ahl⁴⁷, está relacionado a Mário e a César, que são inimigos da pátria assim como foi o líbio Aníbal... (Luc. 1.205-12; 303-5; 2.88-93).

Além dessas relações de caráter mitográfico e historiográfico, o poeta, cumprindo sua função vaticinal, alerta o leitor, através da malha alusiva, de que, na verdade, o destino de Curião está ligado ao de Anteu. O episódio

⁴⁵ Como quer P. GRIMAL, *L'épisode ...*, p. 58.

⁴⁶ Idem, p. 56.

⁴⁷ F.M. AHL, *Hercules...*, p. 1003-9.

heróico-mítico relaciona-se com os eventos da guerra líbica em que o aliado de César seria derrotado com o uso dos ardis estratégicos de Juba.

Desse modo, tal como Anteu não tinha esperado toda a força de Alcides em um de seus ataques (cf. Luc. 8.641: *non expectatis Antaeus uiribus hostis*, “sem esperar Anteu todo afã do rival”), Curião não sopesa muito exatamente as forças do líbico rival (Luc. 8.731: *non exploratis occulti uiribus hostis*, “[Curião] sem explorar as forças do oculto rival”).

Outra possível correlação Curião-Anteu se dá pela estranha qualificação de *iuuenis* atribuída a Anteu, um monstro, e a Curião. O adjetivo no acusativo, *iuuenem*, é atribuído ora a um ora a outro na mesma *sedes metricalis*, na cesura pentemímera, num momento em que se declara a derrocada dos dois. Cf. Anteu, Luc. 4.649-50: *sic fatus sustulit alte / nitentem in terras iuenem*, “e ergueu a criatura / que em contorções buscava a Terra.”; Curião, Luc. 4.737-8: *leti fortuna propinqui / tradiderat fatis iuuenem*, “destinara a Sorte / um fim precoce ao moço”.

Em Virgílio, como tivemos a ocasião de tratar, o duelo de Hércules e Caco parece prenunciar a pacificação da Itália pelo herói troiano, sendo uma representação alegórica da luta entre Enéias e Turno, mas também a junção de *Venus Victrix* e *Hercules Inuictus*. Lucano, no seu episódio análogo, parece querer justamente redimensionar (para não dizer ‘inverter’) o ideário virgiliano, buscando enganar o ignorante Curião e o leitor desatento. Ele parece forçar a perspicácia interpretativa e investigativa de sua audiência, tal como ocorrera com Heródoto diante da descoberta da existência de inúmeros Héracles, conforme a anedota de P. Veyne⁴⁸:

Pesquisando no Egito, Heródoto descobre lá um culto de Héracles (pois um deus é em toda parte um deus, do mesmo modo que um carvalho é sempre um carvalho, mas cada povo lhe dá um nome diferente, se bem que os nomes divinos se traduzem de uma língua para outra como os nomes comuns). Como a data que os egípcios assinalavam para este Héracles não coincidia completamente com a cronologia lendária dos gregos, Heródoto tentou resolver a dificuldade informando-se sobre a data que os fenícios atribuíam a seu próprio Héracles e seu embaraço só aumentou; tudo que ele pôde concluir sobre isso foi que todos os homens estavam de acordo em ver em Héracles um deus muito antigo e também que se poderia sair do embaraço distinguindo dois Héracles.

No contraste entre Virgílio e Lucano, dois episódios, em princípio similares, encontram-se duas vertentes da tradição épica romana. O confronto entre eles prova que nem é preciso ir a povos longínquos procurar diferentes

⁴⁸ *Acreditavam...*, p. 34.

manifestações de Héracles, a cada uso do mito se evoca uma nova alegoria e a partir dela infindáveis perspectivas se abrem.

TITLE. *Myth and literary tradition in the Hercules-Antaeus struggle: comments on Pharsalia 4.589-665*

ABSTRACT. This text intends to elaborate a reading of the Hercules-Antaeus episode in *Pharsalia*, (Luc. 4.589-665) through some parallels with the story of Hercules-Cacus in *Aeneid* (Verg. *Aen.* 8.190-279). Although Lucan seems to recreate Vergil's model, which connects Hercules to Aeneas and Turnus (the enemy) to Cacus, he really inverts the allusive traditional sense and deceives Curio and even a negligent reader. Particular attention is given to the comparative study of the two accounts, focusing on Lucan's parts of speech, which are, according to the aristotelian approach, the speaker, the subject of which he treats, and the person to whom it is addressed.

KEYWORDS. Mith; literary tradition; Hercules; Antaeus; Lucan; Vergil; intertextuality.